

PÉ NA
ESTRADA
SEX **EDUCATION**

KATY BIRCHALL

Tradução
Vitor Martins

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

UM

Maeve fechou o livro e suspirou.

Recostando a cabeça no sofá, semicerrou os olhos contra a luz do sol que atravessava uma fresta nas cortinas do trailer. Ela levantou a mão direita para roer a unha do polegar enquanto tamborilava sobre o livro com a esquerda.

Já havia lido *Jane Eyre* algumas vezes, mas aquela parte sempre a deixava irritada. Ela odiava o primo de Jane, John Reed, e ele parecia piorar a cada releitura. Provocando Jane só porque ele tinha tudo e ela, nada nem ninguém.

— Babaca arrogante — disse Maeve em voz alta para o cômodo vazio.

Ela parou de roer a unha e deixou as mãos repousarem sobre a barriga enquanto encarava o teto. Dava para ouvir uma música baixa vindo de um trailer próximo, onde pessoas conversavam e riam a distância. Ela sentiu uma pontada de solidão.

— É nisso que dá ficar lendo as irmãs Brontë — disse para si mesma, passando a mão pelo cabelo e se endireitando no sofá.

Deixando o livro de lado, ela avistou o maço de cigarros debaixo da bolsa e se esticou para pegá-lo, puxando um cigarro junto com o isqueiro sobre a mesa. Ela se forçou a levantar do sofá e caminhou até a entrada, empurrando a porta e dando um passo em direção ao sol.

— Bom dia, meu amor.

Maeve levantou o olhar do cigarro aceso e viu Cynthia, a dona do estacionamento de trailers, pendurando roupas no varal e sorrindo para ela.

— Oi, Cynthia — respondeu Maeve, tragando com os braços cruzados sobre o peito.

— Tá um dia lindo — devaneou Cynthia, pendurando uma saia jeans exatamente igual à que estava usando. — Você está bem? O que anda aprontando?

— Só lendo mesmo.

— Ah, perfeito. O que tem lido de bom?

— *Jane Eyre*.

— Acho que já li esse. — Cynthia pareceu pensar por um momento. — É aquele com o texugo?

Antes que Maeve pudesse responder, a porta do trailer de Cynthia se abriu e seu marido, Jeffrey, apareceu vestindo uma regata branca gasta, uma faixa de cabelo verde-neon e shorts de academia bem apertados. Ele colocou as mãos na cintura e respirou fundo. Maeve tentou segurar uma risadinha e falhou.

— O que você está *fazendo*, Jeffrey? — perguntou Cynthia, torcendo o nariz em desaprovação.

— Zumba — respondeu ele, fungando e estalando o pescoço ao mover a cabeça de um lado para o outro. — Pensei em fazer aqui fora, tem mais espaço para me mexer.

— Desde quando você faz *zumba*?

— Desde hoje. Estou começando a pegar o jeito.

Ele aumentou o volume da música pop que tocava no rádio dentro do trailer. Sob o olhar julgador da esposa, ele saiu para o gramado, conferiu se a faixa de cabelo estava na posição certa e começou a dar socos no ar.

— Só aquecendo — informou ele a Maeve.

— Ótimo — disse ela, tentando não olhar.

Cynthia balançou a cabeça em reprovação.

— Você parece um idiota, Jeffrey.

— Uma vez eu fiquei em segundo lugar numa competição de dança latina — declarou ele, ignorando a esposa. Jeff cambaleou um pouco em uma investida, antes de começar a rebolar com entusiasmo. — Me disseram que eu tinha muito potencial.

— Quem te disse isso? Sua avó? — resmungou Cynthia.

Achando graça, Maeve deu sua última tragada enquanto Jeffrey começava a dar passos para frente e para trás, totalmente sem ritmo, enquanto batia palmas.

— Até mais — disse ela, apagando o cigarro. — Divirta-se, Jeffrey. Cuidado para não distender nenhum músculo.

— Valeu — disse ele, levantando os dois polegares enquanto balançava os ombros.

— Vê se não esquece o aluguel essa semana, meu amor — alertou Cynthia com um sorriso tenso, virando a cabeça para Maeve. — Da última vez você atrasou um dia, e eu queria poder abrir excessões, mas não seria justo com os outros.

— Vou te pagar.

— Obrigada, amor.

Duas crianças passaram correndo, se esquivando de Jeffrey e quase ganharam um tapão na cara enquanto ele contava seus polichinelos. Ele perdeu o equilíbrio quando elas desviaram e cambaleou, a faixa de cabelo escorregando sobre os olhos.

— Ei! — gritou Jeff para as crianças enquanto elas corriam aos risos e ele lutava para puxar a faixa de volta até a testa. — Olhem por onde andam!

— Lembro de quando você tinha essa idade — comentou Cynthia para Maeve com um suspiro cansado. — Estava sempre arrumando confusão. Você e o seu irmão. Não tinha ninguém para ficar de olho nos dois naquela época, sua mãe estava sempre cheia de problemas. Como vai seu irmão, aliás? Ele está bem?

— Ótimo, obrigada. Ele está bem de verdade.

— Ah, que bom.

Maeve apontou para a porta, constrangida.

— Melhor voltar para o meu livro.

— Sim, é uma boa história. Aquele texugo danadinho.

De imediato, Jeffrey parou de pular.

— Que texugo? Ele não entrou no trailer, entrou?

— Não tem nenhum texugo, Jeffrey — respondeu Cynthia, estreitando os olhos para ele com desprezo. — Eu disse que tem um texugo danadinho no livro que a Maeve está lendo.

— Vou nessa — disse Maeve, acenando de leve.

— Até mais, amor.

De volta ao trailer, Maeve riu sozinha enquanto escutava Cynthia sussurrar “imbecil” para o marido antes de fechar a porta.

Ao pegar o celular no bolso para conferir suas mensagens, sentiu uma pontada de decepção ao ver que não havia nenhuma. Ela mentira para Cynthia a respeito do irmão, Sean. Não tinha notícias dele há um tempo e toda vez que olhava para o celular, torcia para que, por algum milagre, encontrasse uma mensagem de Sean, dizendo se estava bem ou pelo menos onde estava. Àquela altura, ela já deveria estar acostumada. Não era nenhuma novidade que seu irmão idiota desaparecesse por meses. E ela era perfeitamente capaz de cuidar de si mesma.

Mas sentia falta dele.

Dane-se. Guardando o celular de volta no bolso, seus olhos espiaram a mesa, onde estava o formulário que preencheria na noite anterior. Ela ficou parada por um momento até ouvir uma voz em sua cabeça dizendo: *faz logo!*

Ela voltou para o quarto determinada, pegando a bolsa de maquiagem e conferindo o reflexo no espelho. Retocando o delineador preto, ela se lembrou do anúncio da vitrine na livraria: *Vagas de meio-período para livreiros. Deixe seu currículo.*

Na tarde anterior, passara pela loja com seu colega de escola, Otis, e, assim que batera o olho no cartaz, hesitara, parando no meio da calçada para ler com calma. Seu coração acelerou. Quando pensou em arrumar um emprego de verão, presumiu que acabaria em uma sorveteria no shopping ou no quiosque de waffles. Ela sequer considerou a possibilidade de conseguir um emprego fazendo algo de que gostasse de verdade. Algo pelo qual ela era apaixonada.

— Maeve, você não pode parar assim do nada — dissera Otis, voltando para o lado dela enquanto a garota observava o cartaz em êxtase. — Eu

continuei andando e falando e quase dei de cara no poste quando olhei em volta para te procurar.

Quando ela começou a roer a unha sem nem olhar para ele, Otis levou um momento para ler o aviso.

— Por que você não tenta? Você seria ótima nisso! — disse ele com entusiasmo.

— Não seja um babaca.

— Fala sério, vamos entrar. Você pode se candidatar para a vaga.

— Não posso.

Maeve baixou os olhos e balançou a cabeça, caminhando com passos duros pela calçada. Avançou bastante até que Otis a alcançasse.

— Por quê não? — questionou Otis. — Por que você não pode se candidatar para esse emprego?

— Porque eles não vão querer alguém como eu trabalhando na livraria.

— Uma pessoa superinteligente e boa com livros?

O canto dos lábios dela se contorceu em um sorriso.

— *Boa com livros?*

— Tá bom, beleza — disse ele, revirando os olhos e enfiando as mãos nos bolsos. — Assim que eu disse, percebi que soou meio esquisito. Mas você entendeu. Olha, eu acho mesmo que você devia tentar. Imagina passar seus dias conversando com clientes sobre literatura feminista. É o emprego dos seus sonhos.

— Eles não vão me aceitar, Otis.

— Por quê não?

— Porque... — Ela ergueu as mãos em um gesto de rendição. — Olha só pra mim! Não sou o tipo de pessoa que consegue empregos legais em livrarias. Eu tenho um piercing no nariz e cabelo rosa.

— Ah, é. Foi mal. Esqueci que você estava tentando arrumar um emprego em 1950.

Ela suspirou antes de franzir os lábios em teimosia.

— Não custa nada pensar a respeito — disse Otis, dando uma cotovelada de leve no braço dela. — Passe aqui amanhã, de repente.

— Beleza.

— Muito bem. — Ele tirou uma folha de papel dobrada do bolso e entregou para ela. — Aqui está o formulário.

— Que porr...

— Eu entrei e peguei no balcão. É bem legal lá dentro. Tem cheiro de... livros.

— É uma livraria, Otis.

Ele continuou estendendo o formulário, balançando o papel na frente do rosto dela até Maeve finalmente pegar, franzindo o cenho para a expressão de vitória dele.

— Você é tão irritante.

— Não, eu sou encorajador. Quer saber quem é irritante? Minha mãe. Ela começou o seminário da vagina às 8 da manhã e me tirou da cama para fazer chá pra todo mundo.

Conforme Otis começava a desabafar sobre Jean, sua mãe que era terapeuta sexual, Maeve se pegou rindo a contragosto, quase instantaneamente mais animada. Depois de se despedir dele, ela voltou para casa, se sentou e preencheu o formulário, estranhamente esperançosa.

Enquanto ajustava a maquiagem, no trailer, viu que estava sorrindo sem perceber enquanto se lembrava do dia anterior ao lado de Otis.

Por um tempo, Maeve pensou que Otis gostasse dela. Tipo, gostasse *de verdade*. E sim, por muitas vezes pensou em contar a ele como se sentia. O que ele fazia com ela. Mas era complicado; arriscado demais. Se qualquer coisa desse errado, se ela arruinasse tudo, como de costume, e perdesse Otis...

A questão era que não valia a pena. Eram amigos. Bons amigos. As coisas funcionavam daquele jeito. E como saber o que ele sentia por ela agora? Tinha certeza de que ele já havia superado.

Os dois tinham. Não tinham?

Ela afastou os pensamentos rapidamente e guardou o lápis de olho, procurando pelo batom. Conferiu seu visual: uma camisa vermelha-escura e uma saia preta e curta, meia arrastão e botas de plataforma com cadarços até em cima. Fazia calor, mas vestiu a jaqueta de couro mesmo assim.

Olhando-se no espelho pela última vez, ela pegou o celular e mandou uma mensagem para Otis.

Estou indo entregar o formulário para aquela vaga de emprego

O aparelho vibrou com a resposta imediata.

Qual emprego?

O da livraria
Idiota

Eu estava zoando
Isso é ótimo
Quer que eu vá com você?

Se você quiser

Me dá 20 minutos
Te encontro na sua casa
Deixo a bicicleta aí e nós vamos andando juntos

Maeve sorriu, deixando o celular sobre a mesa e ligando a chaleira enquanto esperava por ele. Passou os dedos em seu cordão e se imaginou entrando na livraria e entregando o formulário. A bolsa sobre o sofá chamou sua atenção. Ela precisava conferir o quanto tinha na carteira. Fez

uma careta e ficou tensa ao pegá-la, tentando se lembrar do quanto havia ali dentro.

Ao abrir, ela suspirou de alívio. Tinha o suficiente para o aluguel. Porém, precisaria de um emprego, se quisesse pagar o do próximo mês. Não dava para conseguir nenhum dinheiro extra durante as férias, com a clínica de aconselhamentos sexuais em pausa.

Achava que organizar secretamente a clínica de Otis para os outros colegas de classe tinha sido uma ideia brilhante, modéstia à parte. Maeve lidava com as negociações, agendamentos e pagamentos, e ele focava no que era bom em fazer: oferecer conselhos sobre sexo e relacionamentos. Ele tinha um dom, um talento natural de terapeuta. Afinal, morando com a mãe, absorvera todo o conhecimento e as habilidades terapêuticas dela. No fim das contas, os estudantes precisavam *mesmo* de ajuda. O negócio era um grande sucesso.

Porém, impossibilitados de exercê-lo no momento, o jeito era arrumar um emprego de verão.

Maeve deu um pulo quando seu celular começou a vibrar sobre a mesa, arrancando-a do seu devaneio sobre a livraria. Provavelmente era Otis avisando que precisava cancelar. Tentando não se decepcionar antes da hora, ela pegou o aparelho para atender, mas não reconheceu o número. Confusa, Maeve franziu o cenho, pensando se atendia ou não. Atendeu quase no último toque.

— Alô?

— Alôôôôu, Sapinha!

Ela respirou fundo ao ouvir a voz do irmão. *Finalmente.*

— Onde você se meteu, porra? — perguntou ela, com raiva.

— Ficou com saudades, é?

— Você sumiu e nem se despediu. De novo.

— Olha, sei que você está chateada, mas preciso da sua ajuda.

Ela fechou os olhos, o coração apertado. A voz dele soava tensa e cansada. Havia algo errado. Ele não se daria ao trabalho de ligar se estivesse tudo bem.

— Sapinha? — chamou ele. — Sem essa, vai. Estou com problemas. Fala comigo.

— Do que você precisa? — perguntou ela em um sussurro.

— De *você*.

— Como assim, de mim?

— Preciso que você venha aqui me ajudar a resolver uma parada. — Ele hesitou. — Fui preso.

— Foi *o quê*?

— Juro que não fiz nada. *Juro*, Maeve. Eles entenderam tudo errado. Achrom que eu roubei um colar de diamantes. Eu estava saindo com uma garota e... Olha, não fui eu, Maeve. Preciso da sua ajuda para provar.

— Você tá me ligando da prisão?

— Não. Fiquei preso por 24 horas e depois fui solto sob fiança. Estou na casa de um amigo meu, na cidade. A polícia chegou aqui com um mandado para revistar a casa dele enquanto eu estava sob custódia, e não encontrou nada. Porque *eu não roubei*. Mas sei que estão querendo jogar a culpa em mim. É só uma questão de tempo até virem atrás de mim de novo.

— Um colar de diamantes — repetiu Maeve, caminhando de um lado para o outro e tentando não entrar em pânico. — Como assim? Tipo, diamantes de verdade?

— É. Você tinha que ver. Vale uma boa grana.

— Parece uma pegadinha.

— Não é.

— Por que eles acham que você roubou?

— É complicado, mas o que importa é você saber que eu não fiz nada. Preciso que venha até aqui me ajudar a provar.

— E como é que eu vou fazer isso? Que merda, Sean! Isso não é nada bom!

— Eu sei, é por isso que estou *te* ligando. Você sabe que sempre foi a mais esperta. Ninguém aqui está do meu lado. Não estão nem tentando procurar outros suspeitos. Mas se a gente conseguir descobrir o culpado, de alguma forma, eu ficaria livre. Não tenho mais ninguém pra me ajudar. Por favor. Pode vir aqui me dar uma força pra resolver isso?

Maeve fez uma pausa, seu cérebro sobrecarregado com todas as informações, enquanto tentava mapear a melhor coisa a fazer.

— Por favor, Sapinha! — implorou Sean. — Se você vier, faça panquecas com sorriso e chantilly.

— Agora não é hora de panquecas, Sean.

— Aff, sempre é hora de panquecas! — Ele deu uma risada. Depois de um momento, voltou a falar, mas com um tom diferente. Sério e assustado. — Por favor, preciso da sua ajuda. Essas pessoas... elas são poderosas. Acho que estou com um problema sério. E se eu não me livrar disso logo, talvez não consiga me livrar nunca. Não tenho mais ninguém.

Maeve mordeu o lábio.

— Tá bom.

— Você vem?

— Vou.

— *Obrigado* — ofegou ele, parecendo aliviado. — Você me deu esperanças, Sapinha. Se alguém pode resolver essa bagunça, é você!

— Onde eu te encontro?

— Te mando o endereço por mensagem. Traz roupa para passar alguns dias. É meio longe. Conhece alguém que possa te emprestar um carro?

— Eu dou meu jeito.

Ele agradeceu novamente, prometendo que iria recompensá-la, e desligou. Sem perder tempo, Maeve enviou uma mensagem para Aimee, sua única amiga que tinha um carro, perguntando se ela poderia dar uma passadinha lá. Esperando pela resposta, viu o formulário da livraria sobre a mesa. Ela deslizou o papel pela mesa, lendo rapidamente tudo que havia escrito. Seu celular vibrou com uma mensagem de Aimee.

Maeve pegou o formulário, amassou até formar uma bolinha e jogou de volta na mesa.

Precisava fazer as malas.